

CARTOGRAFIA DE QUEM PASSEIA PELA CIDADE: NARRATIVAS DE UMA PESQUISA EM TESE

■ ANELICE RIBETTO

 <https://orcid.org/0000-0003-1097-4880>

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

■ DÉBORA MADEIRA

 <https://orcid.org/0000-0001-8650-1380>

Instituto Benjamin Constant

RESUMO

Na tessitura deste ensaio buscamos fazer um recorte das inquietações que compõem uma tese que está sendo produzida junto a um grupo de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública. O trabalho se explicita como um exercício do pensamento que afirma a cartografia como um modo de fazer pesquisa, propondo o diário como uma força expressiva que suscita a conversa, colocando em debate alguns reducionismos que podem nos afetar quando nos encontramos com pessoas que experimentam a condição de cegueira em suas vidas. Trata-se de uma problematização que aposta no passeio pela cidade com estudantes cegos, entendendo este gesto como um modo de nos agenciarmos com as redes discursivas que tentam escapar dos processos de normatização, dando a ver o que há para além daquilo que foi instituído como norma-padrão. Nesse sentido, supõe-se que a ação de passear pode possibilitar um deslocamento por percursos mais sensíveis, nos quais forjamos um questionamento quanto ao que estamos produzindo na vida-educação.

Palavras-chave: Cartografia. Cegueira. Diário de pesquisa. Passeio.

ABSTRACT

CARTOGRAPHY OF THOSE WHO WALK THROUGH THE CITY: NARRATIVES OF A RESEARCH IN THESIS

In the fabric of this essay we seek to make a cut of the concerns that make up a thesis that is being produced together with a research group in the Graduate Program in Education of a Public University. The work is explicit as an exercise of thought that affirms cartography as a way of doing research, proposing the diary as an expressive force, which provokes conversation, debating some reductionisms

that can affect us when we meet people who experience the condition of blindness in their lives. It is a problematization that focuses on walking through the city, with blind students, understanding this gesture as a way of acting with the discursive networks that try to escape the processes of standardization, showing what is beyond what was instituted as a standard norm. In this sense, supposing that the action of walking can enable a displacement through more sensitive paths, in which we forge a questioning as to what we are producing in life-education.

Keywords: Cartography. Research journal. Blindness. Stroll.

RESUMEN

CARTOGRAFÍA DE QUIENES CAMINAN POR LA CIUDAD: NARRATIVAS DE UNA INVESTIGACIÓN EN TESIS

En el tejido de este ensayo se busca hacer un corte de las inquietudes que conforman una tesis que se está produciendo en conjunto con un grupo de investigación en el Programa de Posgrado en Educación de una Universidad Pública. La obra es explícita como un ejercicio de pensamiento que afirma la cartografía como una forma de hacer investigación, proponiendo el diario como una fuerza expresiva, que provoca conversación, debatiendo algunos reduccionismos que pueden afectarnos cuando conocemos a personas que experimentan la condición de ceguera en sus vidas. Se trata de una problematización que se centra en caminar por la ciudad, con estudiantes ciegos, entendiendo este gesto como una forma de actuar con las redes discursivas que intentan escapar de los procesos de estandarización, mostrando lo que está más allá de lo que se instituyó como norma estándar. En este sentido, suponiendo que la acción de caminar pueda posibilitar un desplazamiento por caminos más sensibles, en los que forjemos un cuestionamiento sobre lo que estamos produciendo en la educación para la vida.

Palabras clave: Cartografía. Diario de investigación. Ceguera. Paseo.

Entradas...

Neste ensaio há um recorte dos atravessamentos que compõem o processo de desenvolvimento de uma tese que está sendo produzida junto a um grupo de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade pública. Trata-se de uma narrativa na qual nos deixamos afetar pelos efeitos dos encontros com os estudantes de uma instituição pública que presta diversos atendimentos e possui uma escola especializada na área da cegueira e da baixa visão. Busca dar a ver as sensações de uma educadora, que experimenta esse espaço institucional na condição de assistente de alunos e que se propõe a problematizar os acontecimentos, o inesperado dos encontros que acontecem entre ela e os estudantes pelos corredores da escola, nos pontos de ônibus, nos trajetos de ida e volta do trabalho. Assim, pensamos que podemos visibilizar as afetações que emergem por entre os efeitos dessas conversas, em que os estudantes narrram aquilo que acontece nos acessos à instituição.

Vale ressaltar que nessa empreitada os sentidos produzidos para a palavra “acontecimento” se agenciam como uma possibilidade de termos o pensamento constrangido por forças que nos são estranhas (Deleuze, 2006). Isto é, como uma forma de nos sentirmos perturbados com os modos habituais pelos quais concebemos o que estamos nos tornando e a forma como percebemos o mundo em que vivemos (Foucault, 2000), explicitando-se, assim, como aquilo que está para o impensável, o imprevisível que se inscreve por desvios e acidentes.

Na pesquisa, nos inspiramos na cartografia como um modo de fazer pesquisa e entendemos o modo como um *ethos* “que nos permite estar atentas e disponíveis para o que é atualizado no tempo e no espaço que ocupamos

como território cotidiano: o agenciamento entre escola, casa e universidade” (Ribetto e Busquet, 2022, p. 26).

Percebemos a cartografia como modo que nos possibilita acompanhar processos (Kastrup, 2020, p. 32), não sugerindo antecipadamente como a pesquisa será produzida. Supomos que a partir do exercício cartográfico podemos conversar e nos movimentar junto aos estudantes pela cidade e pela escola, para então buscar pistas que deem materialidade ao processo que se constituirá no plano da experiência. Desse modo, talvez nos implicando com um “rigor do caminho” que “está mais próximo dos movimentos da vida” (Passos, Kastrup e Escóssia, 2020, p. 11).

Pensamos o exercício cartográfico, como um esforço que pode nos ajudar a escapar do centro para exercitar uma lateralidade, que “ao modo caranguejo” (COSTA, 2020, p. 21) pode nos sensibilizar para uma atenção e uma disponibilidade ao que acontece aos lados. Dessa forma, é possível possamos escapar da posição de “sobrevoo e de mergulho” (Costa, 2020, p. 21), que estão mais conectadas com as formas hegemônicas de pesquisar e se vinculam com uma atitude de “distância e profundidade” (Costa, 2020, p. 21).

[...] uma prospecção inventiva em que a(o) própria(o) cartógrafa (o) se vê convocada(o) a enfrentar as linhas que a (o) constituem e a compor algo (de si) com o território a ser cartografado. Esta composição envolve uma espécie de dentro-fora, onde a (o) cartógrafo e território se engendram num mesmo agenciamento de pesquisa, estando o movimento de um diretamente envolvido ao movimento do outro (Costa, 2020, p. 21).

Ou seja, acolhemos a cartografia como modo de fazer pesquisa, apostando na possibilidade de experimentar as imprevisibilidades de seu percurso, pois “a cartografia é feita

de encontros [...] inesperados [...] inusitados [...]” (Costa, 2014, p. 22). Supomos, assim, que podemos vivenciar um movimento de desacomodação que tem capacidade de nos deslocar à experiência de uma ética cartográfica que “se interessa menos pelo domínio do ser, do estado das coisas” e deseja mais “o vir-a-ser, suas potencialidades em termos de afetação e transformação” (Costa, 2020, p. 29)

Apostamos na escrita diarística, sugerindo-a como um processo que dá a ver um passeio, que se constitui por idas e vindas, que nos implicam com uma necessidade de parar, continuar, voltar, no sentido de auscultar o acontecimento que pulsa e tem uma conexão com aquilo que é provisório e, portanto, escapa das respostas fixas e imutáveis. Assim como nos diz Clarice Lispector (1994), acreditamos na possibilidade de produzirmos um “temor das verdades” (Lispector, 1994, p. 23).

Propomos esta prática escriturística como uma “pedra de toque” (Foucault, 1992, p. 129) que pode trazer à baila aquilo que nos causou trepidação, aquilo que movimentou o pensamento no passeio com os estudantes. Cismamos com a possibilidade de que esse exercício intervenha no passeio que se tece nesta pesquisa. Para tanto, nos inspiramos no conceito da “escrita de si” cunhado por Foucault (1992). Acreditando que, a escrita pode agenciar uma problematização daquilo que se *acontecimentalizou* no encontro, daquilo que se produziu como um desvio no pensamento, fazendo com que esta prática se afirme como uma possibilidade de variação da vida. Ao problematizar o conceito de “escrita de si”, Michel Foucault (1992) nos aponta que a escrita pode nos servir para volvermos nossas preocupações para nossas ações cotidianas. Nos dizeres deste mesmo autor, a escrita pode se tornar uma “arma de combate” (Foucault, 1992, p. 129) na medida em que

pode operar como uma prática de problematização daquilo que já foi vivido, dito, lido etc. Torna-se, assim, uma equipagem que nos habilita a questionar aquilo que acreditamos saber ou supomos ser uma verdade. Foucault (1992), no entanto, nos conclama a pensar que a escrita de si é uma produção que se realiza necessariamente com a “escuta do outro” (Foucault, 1992, p. 130), que na percepção do mesmo oferece-nos a chance de nos “enrubescermos” (Foucault, 1992, p. 129) - ou seja, de nos mantermos expostos. Propomos, dessa forma, a escrita como uma possibilidade de fragilização, de produção de escapes por meio dos quais podemos nos constituir livrando-nos da “obsessão pelo outro” (Skliar, 2003, p. 43).

Seguindo esta perspectiva, nos propomos a produzir uma escrita que é ensaísta. Isso porque acreditamos que essa é uma possibilidade de produzir uma pesquisa que passeia, que desliza por linhas e conexões que rasuram o pensamento-verdade criando um estilo que se afirma junto às instabilidades, encetando, inclusive, que essas variações ajudem a compor modos outros de ver, viver, sentir e passear.

Juntando-nos à Larrosa (2003) percebemos que:

O ensaio não adota a lógica do princípio e do fim, nem começa pelos princípios, pelos fundamentos, pelas hipóteses, nem termina com as conclusões, ou com o final, ou com a tese, ou com a pretensão de ter esgotado o tema. O ensaísta inicia no meio e termina no meio, começa falando do que quer falar, diz o que quer e termina quando sente que chegou ao final não por que já nada resta a dizer, sem nenhuma pretensão de totalidade (Larrosa, 2003, p. 112).

Afirmamos uma pesquisa-escrita que busca problematizar a formação do espaço urbano, desde os seus projetos históricos, sociais,

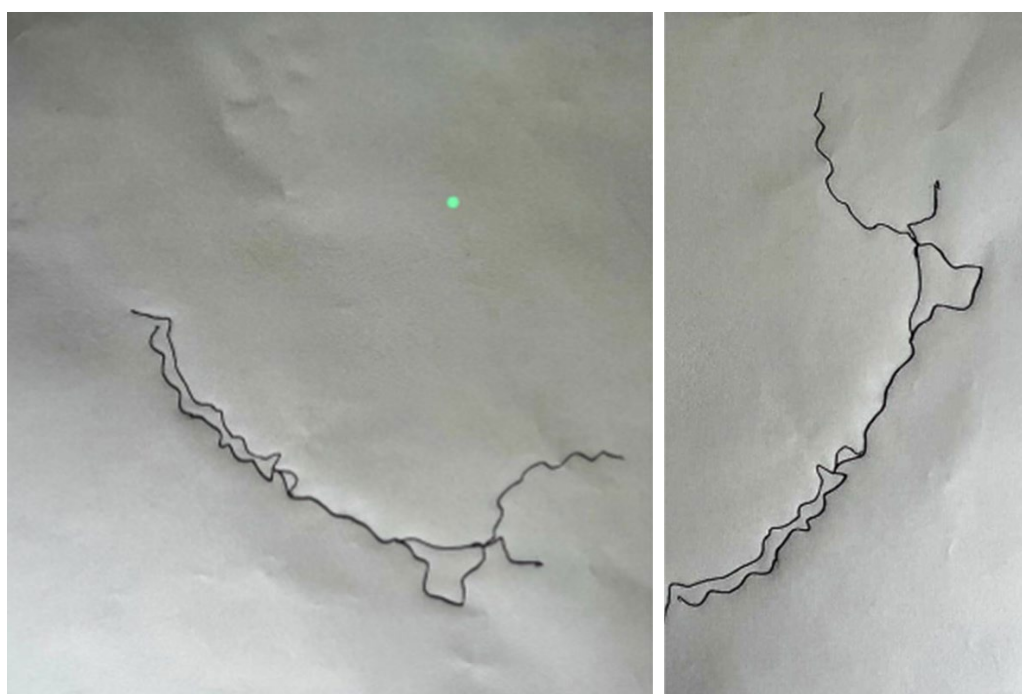
éticos, estéticos e políticos, que foram compondo a cidade como uma certa dimensão excludente. Questionamos também os aprisionamentos que existem quando delimitamos aquilo que se convencionou chamar de deficiência dentro do território da falta, reafirmando nesse passeio uma pergunta que muito nos afeta nesse percurso formativo: por que não podemos afirmar o diagnóstico de deficiência visual como uma condição de vida? Nesse âmbito, pensamos que com essa pesquisa-escrita talvez, seja possível forjar um percurso em que nos constituímos como passeantes curiosos que “[...] aprendem olhando, passando, perguntando, tocando, sentindo o gosto, ouvindo histórias, às vezes nunca narradas” (Skliar, 2014, p. 11). Para assim, forjar um passeio que se dá “a partir de um zig-zag, rizomático [...] em que caminhamos aprendendo”. (Idem)

O passeio citadino como uma aposta para a produção de um outramento na vida-educação...

Hoje foi o dia da minha posse. Estou bem feliz! Quando estava me encaminhando para a escola encontrei R. pedindo ajuda, me aproximei e disse que poderia acompanhá-la. Ela me disse que queria pegar o ônibus que também iria para o mesmo lugar. Atravessamos uma rua estreita, mas muito perigosa devido ao intenso tráfego que existe na Central do Brasil. Durante a travessia ela me disse como gostaria de ser acompanhada: não quis que eu segurasse suas mãos e colocou-as em meus ombros. Conteí a ela que ia trabalhar como assistente de alunos neste mesmo espaço escolar. Ela então me falou que eu deveria esperar que eles pedissem ajuda e que deveria consultá-los sobre a forma como eles gostariam de ser acompanhados. Pontuou que eles não gostavam de ser interpelados como pobres coitadas e destacou que se a cidade tivesse sinais sonoros e pistas táteis em todos os cantos, ela nem ia precisar ficar gritando pela rua. Falou também que morava em Belford Roxo e que lá tinha dificuldades ainda maiores para se

deslocar. Entramos no ônibus e nos sentamos juntas. Conteí a ela que estava perdida e não sabia em que ponto de ônibus deveria descer. Ela me despreocupou dizendo que me avisaria. Pois, após uma “viradinha” estaríamos no local desejado. Descemos, nos despedimos. Mais uma vez eu percebi que existiam muitas coisas que fogem à minha percepção! Entreguei os documentos no departamento pessoal, foi tudo bem rápido! Achei o lugar lindo, mas também distante! Vou ter que me organizar para não chegar atrasada! Na saída reencontrei R e a chamei, queria conversar mais com ela. Um pouco irritada ela me falou sobre o fato de ter esquecido do aviso de que naquele dia não haveria aula! Neste segundo momento, perguntei se ela aceitava minha companhia e ela de modo espontâneo pôs a mão em meus ombros. Quanta coisa conversamos! Ela falou mais uma vez sobre as dificuldades de vir à escola, mas também sublinhou o amor que tinha pelos professores e os amigos deste mesmo espaço. Argumentou que na instituição havia um ônibus que era disponibilizado para passeios e indignada disse que achava que o veículo deveria ser usado para buscar os estudantes pelo menos na Central do Brasil, lugar de referência para a chegada ao Instituto, utilizado pela maioria deles. Durante nossa conversa ela repetia o tempo todo a seguinte expressão: “a gente também tem que falar! Ninguém chama a gente para falar!”. E ainda interpelando-me sobre as próprias dificuldades sugeriu que eu fechasse os olhos enquanto andávamos e me disse que ainda assim, eu nunca saberia o que ela vive, pois pra mim bastava abrir os olhos e o problema estava resolvido! Quanta coisa passou em mim! Acho que vou aprender muito neste lugar! Já de início aprendi que meu encontro com qualquer pessoa precisa ser respeitoso e consultivo! Percebi que eles vêm com outros sentidos! Senti que eles não querem caridade, são cidadãos que reivindicam seus direitos! Apreendi que embora eu me esforce para pensar e partilhar experiências com as pessoas, existem coisas que só quem vive sabe realmente o que sente e pode se quiser contar! Atravessamos! Não sou mais a mesma!

Diário de uma passeante e linhas tateantes



Fonte: As autoras.

Entramadas pelos efeitos dessa conversa, que narra o primeiro encontro com uma estudante que experimenta a condição de cegueira nos caminhos de ida à escola, nos sentimos provocadas a pensar no que pode haver na sensação de estar perdida. Isso nos conduziu até Morey (1990) que nos chama a atenção para a perspectiva do “perder-se” como parte do processo. No texto *Kantspromenade: invitación a la lectura de Walter Benjamin*, o referido

autor nos dá a pensar que há uma dimensão formativa no ato de passear destacando que o se perder e o estranhar, são movimentos próprios de um passeio, em que a passeante tem a oportunidade de forjar um percurso, que dá importância ao processo, antes de qualquer finalidade.

Morey (1990) nos convoca a pensar que o passeio é a forma mais pobre e modesta de viajar, salientando, no entanto, que o gesto

de passear envolve as potências da atenção e da memória. Conforme o autor, quase sempre passeamos com um destino pré-determinado, mas existe também a possibilidade de nos deixarmos produzir desde o percurso para escapar, por assim dizer, daquilo que até então se constituía como nossa própria condição.

Nesse sentido, nos encontramos também com Baptista (2010a) que faz uma alusão à prática de alguns viajantes que experimentam as cidades em que o uso do mapa é ineficiente. O autor propõe que possamos, então, ponderar, a existência de um passeio que se dá desde uma certa atração “[...] pelos detritos, por coisas tortas, por sombras que interrompem e incitam o recomeçar interminável do percurso” (Baptista, 2010b, p.108). Tal perspectiva parece também acenar para a potência que há no “perder-se” e nos encaminha a pensar que estando perdidas podemos estranhar aquilo que se expressou como algo natural e familiar, como algo já dado. Afirmando-nos como perdidas podemos quem sabe, talvez, inventar:

[...] atalhos, encruzilhadas, vias nunca usadas, porém sem nenhum júbilo orgulhoso do inventor. Inventa-se porque o que ele encontra neste perder-se poderá ser insuportável se o viajante lastimar ou tentar recuperar a velha eficiência dos velhos parâmetros. Cria-se porque os espaços não são desenhados na mais completa paz [...] o viajante pode se dar conta de que aquilo, que o guiou em viagens anteriores e sempre o conduziu com conforto pelos caminhos poderá não servir para nada [...] (Baptista, 2010b, p. 108).

Movidas pelas referidas provocações, optamos por entrar na escrita da pesquisa-tese, colocando-nos como passeantes que estão perdidas e lançam mão de um gesto de disponibilidade, pensando, no entanto, que tal gesto se constitui como um tipo de atenção. Como nos diz Kastrup (2020), não é uma simples seleção de informações, mas uma abertura, uma atitude que se compõe por meio de um tateio

e de uma exploração cuidadosa, que pode nos preparar para acolher o inesperado. Trata-se “de um rastreio, um toque, um pouso e uma busca do reconhecimento atento” (KASTRUP, 2020, p.40) que nos permite estar mais atentas às miudezas das coisas que atingem o pensamento e os sentidos. Assim podemos tentar narrar o entre que há no gesto de passear, enunciando que este gesto se agencia com um movimento formativo, que se produz por uma processualidade, constituindo-se, portanto, como uma dimensão em que experimentamos os acontecimentos, as inquietações, os estranhamentos, as dúvidas e as destabilizações da vida.

Nesse sentido, afirmamos também uma percepção do passear como gesto rizomático, na medida em que nos propomos a pensá-lo desde uma inspiração no conceito de rizoma, criado por Deleuze e Guattari (2012). Tal conceito refere-se a uma forma de problematização da vida – no sentido mais amplo – como um sistema de conexões, sem início e sem fim, permeado por linhas, estratos, intensidades e segmentaridades.

O conceito de rizoma é originário da botânica e consiste em uma haste subterrânea com ramificações em todos os sentidos, como os bulbos e os tubérculos. Deleuze e Guattari (2012) roubaram criativamente esse conceito da biologia para problematizar o modo como pensamos e como nos constituímos na relação com outros, pensando que esse complexo de relações não parte de uma base única, mas de distintas conexões que se ramificam entre si gerando muitas formas de ser e existir.

Para esses autores, a percepção rizomática justapõe-se ao modelo tradicional e arbóreo, que se explicita a partir de uma mesma raiz, que é fixa, centrada e cresce apenas para cima, impedindo a possibilidade de que existam distintas conexões. Por outro lado, o rizoma se desenvolve de maneira horizontal, expandin-

do-se para diferentes direções, conectando-se com todos os lados possíveis.

Feitas essas considerações, acreditamos que ao nos inspirarmos no conceito de rizoma, agenciando-o com o gesto de passear, podemos produzir uma problematização que acolhe a vida percebendo que esta se constitui a partir de uma complexidade e de uma processualidade que lhe são inerentes. Movimentadas por este conceito, sentimo-nos deslocadas a pensar que no passeio com os estudantes cegos e os outros intercessores (obras poéticas, filosóficas, musicais, dentre outras coisas) podemos forjar uma pesquisa que se movimenta por entre linhas, que se horizontalizam, alargando-se para distintos sentidos, entramando-se com todos os rumos viáveis.

Assim é possível partilhar o espaço da cidade e da escola com outras pessoas, produzindo idas e vindas que podem nos ajudar pensar nos trajetos, que se explicitam através do percurso reto, insensível, repetitivo e rotineiro. Além disso, vai se experimentando uma trajetória que nos permite o deslocamento por rotas irregulares e mais sensíveis, nas quais há um comprometimento com a produção de um caminho comum.

Pensamos que o passeio pela cidade pode nos agenciar com um questionamento da produção de normalidade que colabora com a segregação e aniquilação das pessoas, que destoam daquilo que é concebido como norma-padrão. Esta pesquisa-tese se entrelaça com tal problematização, pois se propõe a compor um passeio que busca pensar o corpo e o espaço descolando-se dos maniqueísmos e dos sistemas binários, que nos lançam à produção das verdades absolutas. Com isso, a pesquisa busca explicitar os efeitos de um passeio que brota pelo meio e vai rizomaticamente criando atalhos e desvios, que anunciam a existência de modos outros de viver. Nesse sentido é que nos apontam Deleuze e Parnet (1998):

Ora, não há dúvida de que nos plantam árvores na cabeça: a árvore da vida, a árvore do saber etc. Todo mundo pede raízes. O Poder é sempre arborescente [...] Há multiplicidades que não param de transbordar as máquinas binárias e não se deixam dicotomizar [...] Pensar, nas coisas, entre as coisas é justamente criar rizomas e não raízes (Deleuze e Parnet, 1998, p. 35-36).

Acreditamos que o questionamento da produção da normalidade pode movimentar uma problematização dos discursos que percebem as pessoas cegas desde aquilo que foi produzido entendido como falta. A partir disso, pretende-se ir produzindo possíveis indagações quanto ao modo como nos implicamos com os referidos discursos que podem também viabilizar perguntas acerca dos reducionismos que percebem tal condição apenas pelo prisma do diagnóstico, ou seja, pela perda do sentido da visão. Dessa forma, nos interpelamos a pensar no que há nos efeitos dos encontros com estas vivências que veem, escutam, sentem, existem com todo corpo...

Nesse sentido, a pesquisa atrela-se ao referido questionamento, por se conformar como um exercício do pensamento, que busca colaborar com qualquer rede discursiva que escapa dos processos de normatização da vida, dando a ver e falar aquilo que há para além do diagnóstico pensando que, assim, talvez seja possível escapar do fascínio por investigar as formas de viver que são concebidas como “anormais”. Trata-se de um esforço que intenta validar o corpo como potência, salientando que o funcionamento do mesmo pode se estabelecer por infinitas conexões. Dando também a pensar que no espaço citadino, os passeantes negligenciam os modos instituídos de viver, pois a cidade possui em “suas linhas, formas particulares de experienciar o tempo, a alteridade e a nós mesmos” (Baptista, 2010a, p. 213).

Empreendemos a produção de um passeio em que experimentamos a cidade junto aos estudantes, lançando-nos a uma concep-

ção do espaço citadino como um labirinto de possibilidades, uma trama de linhas tateantes. Implicamo-nos como passeantes que estão perdidas e que desejam se orientar pelo acontecimento, pensando que ao passear por esse labirinto, nos juntaremos a outras companhias para acionar uma rede de saberes que nos ajude a escolher os percursos que se constituem por um regime de presença e atenção, que não é intencional, mas que se configura como uma entrega às forças e às linhas que regem o processo.

Ponderamos, assim, a possibilidade de produzir uma pesquisa-escrita que se afirma para “inventar outros mundos mais interessantes, mais desejantes, para dar vida e asas aos nossos pensamentos [...] para tirar a vida da prisão, das normas, das regras” (Deleuze, 1992, p. 131). Intencionamos dar a ver a um processo em que as passeantes se lançam ao passeio junto aos estudantes que experimentam a condição da cegueira, optando por nos mantermos perdidas. Como nos diz César (2023) em sua música *Deus me proteja*, é muito bom nos perdermos, porque o passeio a gente conhece passeando e quando nos perdemos, precisamos perguntar e achamos sem saber.

Perspectivadas pelos efeitos desta relação, arriscamo-nos a compor as problematizações desta escrita-pesquisa. Agenciando-nos com o gesto de passear, pensamos também que o tateio é uma outra ação capaz de nos fazer operar de um modo que nos permita sentir o mundo no seu detalhe, nos seus movimentos e interpelar o modo como estamos produzindo nossas palavras, nossos gestos. Dessa forma, pensamos que o passeio tateante pode nos ajudar a forjar um esforço para “educar la mirada [...] que tiene que ver con educar para recuperar una mirada quizá infantil, quizá ingenua, pero para nada primitiva: una mirada de sorpresa, de implicación, de envolvimiento con lo visto” (Skliar, 2009, p. 1).

Atentando-nos ao que nos dizem Toneli, Adrião e Cabral (2012), percebemos que o tateio se explicita como um dos sentidos do corpo, que se diferencia do sentido da visão na medida em que nos lança à vivência da relação com uma distância que é igual a zero. Conforme os mencionados autores, ao tatearmos ocupamos uma zona fronteira, que não tem um claro discernimento entre o eu e você, podendo, assim, experimentar um espaço ondulatório onde as percepções de sujeito e objeto tendem a se espargir.

Toneli, Adrião e Cabral (2012) sugerem, ainda, refletir acerca deste gesto associando-o à palavra tato para produzir um sentido, que está correlacionado à cautela, ao refreamento sobre o próprio ato de tocar. Os autores argumentam que o tateio pode possibilitar uma indagação acerca daquilo que já está dado, que já é sabido quando nos relacionamos com os outros.

Tatear não é simplesmente um encontro entre corpos em relação ao tempo já pronto e configurado [...] tatear nos lança em relação de misturas e velocidades, lentidões e intensidades que são elas mesmas criadoras de novos espaços-tempos [...] tatear é uma exploração inventiva [...] que nos permite sentir as paixões e exaustões [...] o tateio não admite uma palavra final é um gesto que amplia a possibilidade de que novas palavras possam existir [...] (Toneli, Adrião e Cabral, 2012, p. 226-227).

Tomadas por estes apontamentos, propomos que na produção desta pesquisa podemos dar a ver aquilo que nos (me) acontece no passeio pela cidade e pela escola. Apostamos no tateio como uma ação que pode visibilizar as conexões que existem por entre as linhas. Pensamos, ainda, que podemos produzir uma caminhada, na qual nos propomos a sentir “as viradinhas”, as miudezas, os mistérios que se enunciam como as imprevisibilidades da vida...

Deste modo, ainda em acordo com as ponderações de Toneli, Adrião e Cabral (2012), consideramos que o tateio pode nos atrelar a uma

prática de pesquisa que se torna política, “não pelos discursos ideológicos” (Toneli, Adrião e Cabral, 2012, p. 226), mas pela possibilidade de se constituir como uma tese, que vai ser entregue ao mundo, como um gesto de abertura para outras tantas ressonâncias, outras problematizações...

Inspiramos-nos também em Baptista (2021) para pensarmos a experimentação do passear como uma possibilidade de sentir a cidade no seu emaranhado de vias que “misturam os tempos” nos lançando às trepidações, que são fundamentais para o desmanchamento do “eu tutelado pelos alicerces da razão” (Baptista, 2021, p. 7). Ao caminharmos junto aos estudantes cegos, supomos que podemos escapar do “pensamento necessitado de conforto [...] do pensar refratário a contágios e desestabilizações”.

Tal como nos diz este mesmo autor:

[...] À semelhança de uma lâmina, a cidade é habitada por histórias fragmentadas produzida por forças que desafiam [...] A urbe cortante está sempre insuflando prováveis montagens de histórias e de formas de luta; montagem feita dos restos de sonhos deixados pela metade do caminho, de cenas banais, ou não do cotidiano [...] (Baptista, 2021, p. 14-15).

Dessa forma, empreendemos um passeio citadino com pessoas que experimentam a condição de cegueira supondo, como nos diz Pelbart (2019), a cidade como um espaço potente de criação. Propomos o gesto de passear como uma “política de encontro” (Pelbart, 2019, p. 44) em que podemos afetar e ser afetadas. Acreditamos que na caminhada podemos nos deixar atravessar pelos modos como os estudantes constituem seus passos, seus modos de ver, “não para imitá-los ou coincidir” (Pelbart, 2019, p. 44) com esses arranjos que são produzidos por eles, mas para por meio destes “tocar as virtualidades e sensibilidades do pensamento que em nós estão bloqueados ou cristalizados” (Pelbart, 2019, p. 45).

Apostamos na possibilidade de andarilhar por aí com os estudantes cegos nos atrelando às considerações de Kastrup (2010) para pensar no entre, que pode existir entre o ver e o não ver. Nas palavras desta mesma autora, as pessoas videntes costumam perceber a pessoa cega apenas pelo limite de sua condição. Com isso, ela nos propõe a pensar a existência de modos de ver que são múltiplos, incentivando-nos a perceber que existem modos outros de ver, sentir, passear e viver.

[...] um entendimento de pessoas cegas e com baixa visão para além dos limites de sua deficiência e da crosta identitária que constitui a camada externa e endurecida de sua subjetividade. Convidam também ao desenvolvimento de dispositivos e estratégias [...] que possam efetivamente acionar processos de reinvenção de si e do mundo, incluindo no mesmo coletivo, comum e heterogêneo, cegos e videntes. (Kastrup, 2010, p. 56-57).

Acreditamos que ao passear de forma tateante podemos problematizar de que forma a “mesmidade” (Skliar, 2003, p. 47), se infiltra nas relações que forjamos em nossas caminhadas, visibilizando os modos pelos quais podemos estabelecer redes discursivas em que o outro pode ser anulado, sendo o nunca-outro e o sempre outro que deve ser capturado, domesticado, para que tenha voz apenas para dizer o mesmo. Forjamos a ideia de que no passeio podemos nos sentir interpeladas pelos efeitos dos encontros com estudantes cegos para refletir sobre os dizeres que insistem em classificá-los e nomeá-los dentro das lógicas binárias do normal ou anormal... eficiente ou deficiente. Para então desnaturalizar a norma-padrão afirmando que:

[...] há um outro, em meio a nossas temporalidades e a nossas espacialidades, que foi e ainda é inventado, produzido, fabricado, (re)conhecido, olhado, representado e institucionalmente governado em termos daquilo que se poderia chamar deficiente, ou então, ainda que não seja

o mesmo, um outro anormal, uma alteridade anormal. (Skliar, 2003, p. 152).

Cismamos, ainda, com a possibilidade de produzir uma caminhada, na qual podemos nos atentar às maneiras astuciosas que brotam no cotidiano, no minúsculo, no vivido, no banal, dando a ver o imprevisível, aquilo que não tem explicação. Para talvez, expandir nossas reflexões ratificando que:

[...] Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados, que podem se desdobrar, mas estão ali antes como histórias a espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações conquistadas na dor ou no prazer do corpo [...] (Baptista, 2021, p. 15).

Destarte, na processualidade da pesquisa estamos nos esforçando para constituir um passeio, um processo que problematiza as rotulações que incidem sobre a vida, afirmando que qualquer pessoa, com qualquer condição, pode produzir saberes, questionamentos e vida. Pensamos que é fundamental contemplarmos os mistérios da vida, lançando-nos aos acontecimentos, os prazeres e azares que podem talvez nos agenciar a possibilidade de nos tornarmos outras, com “toda diferença que nos cabe” (Pelbart, 2019, p. 46).

Considerações (nada) conclusivas

Ao inclinarmos o pensamento quanto ao que estamos experimentando na processualidade da pesquisa nos sentimos provocadas a pensar que as pessoas - os estudantes cegos, no caso - podem passear pelos percursos da escola, da cidade e da vida com um sentido distinto daquele que tentam lhes imputar. Essa percepção nos conduz a uma abertura, na qual as certezas podem ser substituídas por perguntas e problemas, que nos sensibilizam e interpelam a pensar nas coisas que existem no mundo.

Supomos que ao passear de modo tateante podemos produzir uma tese que opera como um esforço de nos evadir daquilo que se constitui como algo dado, ou seja, daquilo que se configura como uma representação. Para assim, inventar uma pesquisa que narra os efeitos daquilo que nos (me) acontece no passeio, dando a ver e a pensar aquilo que comporta outras experiências, outras conexões, outros atravessamentos e que nos possibilitam saltar o pensamento arborescente.

Apostamos num passeio de modo tateante por acreditar que essa ação pode nos encaminhar a operar por meio de uma travessia pelas ruas e pelos corredores da escola, ajudando-nos a compor uma luta que se explicita como uma batalha, que não se associa ao confronto, no qual alguém heroicamente se consagra como vencedor. Pensamos a pesquisa como uma caminhada, um processo de fortalecimento para o combate, que se evidencia como um exercício, que prima pela implicação e pelo “outramento [...]”. Um outro de si, um outro de outro e, no entanto, não há nenhum ‘eu’ e nenhum outro de outro, somente um ‘entre’ [...]” (Machado, 2004, p. 149). Por fim, afirmamos a percepção deste processo como uma oportunidade de nos mantermos “perdidas” e “questionantes” quanto ao que estamos produzindo na vida-educação.

Referências

- BAPTISTA, Luís Antônio. Impactos da (i)mobilidade na produção da subjetividade. In: **Conselho Federal de Psicologia**. Psicologia e mobilidade: o espaço público como direito de todos. Brasília: CFP, 2010a. p. 213-219.
- BAPTISTA, Luís Antônio. Noturnos Urbanos. Interpeleções da literatura para uma ética de pesquisa. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 103-117, 2010b. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/9020>. Acesso em: 18 out. 2023.

- BAPTISTA, Luís Antônio. Para que serve a cidade?. In: SILVA, Breno; MENDONÇA, Roxane Sidney; CORTEZÃO, Simone (Orgs.). **Desmanche 2: a insubordinação dos fatos materiais**. 1ed. Belo Horizonte: Impressões de Minas/ Instituto Federal de Minas Gerais. Campus Santa Luzia, 2021, v. 2. p. 2-15.
- CÉSAR, Chico. **Deus me proteja**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-cesar/1281067/>. Acesso em: 18/10/2023.
- COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Revista Paralelo 31**, v. 2, n. 15, p. 10-35, 10 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997>. Acesso em: 18 out. 2023.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV, [S. l.]**, v. 7, n. 2, p. 66-77, mai./ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 18 out. 2023.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v.1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e pós-estruturalismo. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 195-211.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.
- KASTRUP, Virgínia. Atualizando virtualidades: construindo a articulação entre arte e deficiência visual. In: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia (Orgs.). **Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual**. Rio de Janeiro: Nau, 2010. p. 52-73.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do Cartógrafo. In: KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 32-51.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Revista Educação e Realidade, [S. l.]**, v. 28, n. 2, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 18 out. 2023.
- LISPECTOR, Clarice. A Paixão Segundo G. H. 16. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n. 1, p. 146-150, 2004. Disponível em: Acesso em: SciELO - Brasil - O desafio ético da escrita
- MOREY, Miguel. Kantspromenade, invitación a la lectura de Walter Benjamin. **Revista Creación**, Madrid, n. 1, p. 1-11, abr. 1990. Disponível em: https://www.academia.edu/22387680/INVITACION%20C3%93N_A_LA_LECTURA_DE_WALTER_BENJAMIN. Acesso em: 19 out. 2023.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. Apresentação. In: KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020. p. 07-16.
- PELBART, Peter Pál. **Ensaio do Assombro**/Peter Pál. São Paulo: n-1 Edições, 2019.
- RIBETTO, Anelice; BUSQUET, Sara. Cartografando e Biografando um coletivo de forças entre escolas, famílias e Universidade Pública. In: RIBETTO, Anelice; SILVA, Daiana Pilar Andrade de Fretas (Orgs.). **Diferenças e Alteridade na Educação: Conversas, problemas e perguntas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2022. p. 25-37.

SKLIAR, Carlos. A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Revista Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 37-49, 2003. Disponível em: Acesso em: (PDF) A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”

SKLIAR, Carlos. **O ensinar enquanto travessia**: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação. Salvador: EDUFBA, 2014.

SKLIAR, Carlos. Educar la mirada. **Revista “Sin puntero”**, n. 3, jul. 2009. Disponível em: Acesso em: La

escuela y los jóvenes: Educar la mirada

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; ADRIÃO, Karla Galvão; CABRAL, Arthur Grim. Tatar. *In*: FONSECA, Tania Maria Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 225-227.

Recebido em: 30/10/2023

Revisado em: 25/09/2024

Aprovado em: 16/10/2024

Publicado em: 25/10/2024

Anelice Ribetto é Doutora em Educação e Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora procientista da mesma instituição. Professora efetiva na Linha Políticas, Direitos e Desigualdades do Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos formativos e desigualdades sociais. Coordena o Coletivo “Diferenças e Alteridade na Educação” e faz parte do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação (CNPq). *E-mail*: anelatina@gmail.com

Débora Madeira é doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Atualmente exerce a função de assistente de alunos no Instituto Benjamin Constant (IBC), faz parte do Coletivo Diferenças e Alteridade na Educação. *E-mail*: debossmadeira@gmail.com